

# HEATED RIVALRY

RIVALIDADE ARDENTE



RACHEL REID

OTHER  
SIDE





## AVISOS DE CONTEÚDO

Abuso emocional

Conteúdo sexual explícito

Discriminação

Doenças mentais

Homofobia

Luto e perda

Trauma familiar

*Este livro é dedicado ao Matt,  
a minha outra metade.*

# Nota da Tradutora

Ao longo deste livro, algumas falas de Ilya Rozanov apresentam construções agramaticais ou pequenos desvios de vocabulário e sintaxe. Estes não são erros de tradução nem revisão. Ilya é um personagem russo a comunicar em inglês, e a sua relação imperfeita com a língua leva-o, por vezes, a cometer lapsos na forma como se expressa oralmente.

Esses erros não foram assinalados nem corrigidos no texto português. Esta foi uma escolha consciente, com o objetivo de preservar a autenticidade do original e a caracterização do personagem. Regularizar a sua fala teria apagado uma dimensão importante da sua voz, da sua identidade e da dinâmica que estabelece com os outros personagens.

Assim, sempre que surgirem frases que soem ligeiramente deslocadas ou imperfeitas, elas refletem deliberadamente as dificuldades linguísticas de Ilya e fazem parte integrante da sua construção enquanto personagem.

Que a história de Shane e Ilya continue a conquistar os nossos corações e a trazer cor ao nosso mundo.

Boa leitura!

# PRÓLOGO



*Outubro de 2016, Montreal*

**S**hane Hollander estava mais perto de perder a cabeça do que alguma vez se permitira estar.

Tinha aguentado dois períodos e 12 minutos de um dos jogos de hóquei mais frustrantes que alguma vez jogara. Devia ter sido uma vitória gloriosa em casa para os Montreal Voyageurs contra os seus arquirrivais, os Boston Bears. Em vez disso, tinha sido uma humilhação exaustiva, e o resultado estava 4–1 para Boston, com menos de oito minutos no relógio. Shane tivera nada menos do que cinco excelentes oportunidades para marcar. Tivera remates que nunca deveriam ter falhado. Mas falharam. E os Bears tinham aproveitado os erros dos Voyageurs.

Um homem tinha aproveitado mais do que todos os outros. O homem mais odiado em Montreal: Ilya Rozanov.

Ao longo das últimas seis épocas, a rivalidade quase centenária entre as equipas da NHL de Montreal e Boston tinha-se personificado em Hollander e Rozanov.

A sua animosidade intensa era evidente mesmo para os fãs nos lugares mais distantes e baratos.

Hollander inclinava-se agora no círculo de face-off, frente a Rozanov, enquanto o árbitro se preparava para largar o disco após o segundo golo do russo no jogo.

— Estás a ter uma boa noite? — perguntou Rozanov alegremente. Os seus olhos castanhos brilhavam como sempre que dizia merda.

— Vai-te foder — resmungou Hollander.

— Há tempo para um hat trick, acho eu — refletiu Rozanov, com as palavras mal perceptíveis entre o forte sotaque e o protetor bucal. — Devo fazer agora ou esperar até ao último minuto? Mais emocionante assim, sim?

Hollander rangeu os dentes contra o seu próprio protetor bucal e não respondeu.

— Cala-te, Rozanov — ordenou o árbitro. — Última advertência.

Rozanov calou-se, mas conseguiu encontrar uma forma ainda mais eficaz de irritar Hollander: *piscou-lhe o olho*.

E depois ganhou o face-off.



— Foda-se! — gritou Jean-Jacques Boiziau, o gigante defesa haitiano-canadiano dos Voyageurs, atirando o stick contra a parede do balneário.

— Já chega, J.J. — disse Shane, mas não havia qualquer ameaça real por detrás destas palavras. Para deixar claro que não estava com disposição para lutar, nem sequer para discutir com ninguém, deixou-se cair no banco.

Hayden Pike, o extremo esquerdo da linha de Shane, sentou-se no banco ao seu lado, como sempre.

— Estás bem? — perguntou Hayden baixinho.

— Claro — respondeu Shane de forma seca. Encostou a cabeça à parede fria atrás dele e fechou os olhos.

Usar a palavra «apaixonados» para descrever os fãs de hóquei de Montreal seria um eufemismo. Montreal adorava os Voyageurs ao ponto de se tornar absurdo.

O seu pavilhão era um dos locais mais difíceis para as equipas visitantes jogarem, porque enfrentavam não só um dos melhores da liga, mas também os fãs mais barulhentos. Os adeptos também não tinham qualquer problema em mostrar à sua própria amada equipa exatamente quão desapontados estavam com eles.

Mas quando os fãs de Montreal ficavam verdadeiramente arrasados, como tinham estado esta noite, permaneciam quase em silêncio. E esse era o som de que Shane Hollander menos gostava.

— Sabes o que é que seria bom? — perguntou Hayden. — Conhecês aquele filme, *A Purga*? Aquele em que podes, tipo, quebrar as leis durante uma noite sem consequências?

— Mais ou menos — respondeu Shane.

— Meu, se isso fosse real, eu matava o Rozanov, porra.

Shane riu-se. Não podia discordar de que esmurrar aquela cara altiva do russo seria pelo menos um pouco satisfatório.

O treinador entrou no balneário e expressou o seu desapontamento com uma calma notável. Estavam no início da temporada — aquele tinha sido o primeiro encontro da época regular contra Boston — e eles tinham estado a jogar bem na maioria dos jogos. Aquilo fora uma falha. Iriam seguir em frente.

Depois, chegou a hora de enfrentar a imprensa. Naquele momento, Shane teria preferido ver uma matilha de lobos esfomeados entrar na sala, mas sabia que não havia como evitar os jornalistas. Eles queriam sempre falar com ele, especificamente, depois de cada jogo, e especialmente depois de jogos em que enfrentara Rozanov.

Despiu a camisola encharcada de suor por cima da cabeça, para que a t-shirt interior desportiva com o logótipo da CCM ficasse visível nas câmaras. Fazia parte do seu contrato de patrocínio.

Um semicírculo de câmaras, luzes e microfones formou-se à sua volta.  
— Olá, pessoal — disse Shane, cansado.

Fizeram as suas perguntas aborrecidas e Shane deu respostas igualmente aborrecidas. O que podia ele dizer? Tinham perdido. Era um jogo de hóquei, e uma equipa perdia, e essa equipa era a sua.

— Quer saber o que é que o Rozanov acabou de dizer sobre si? — perguntou um dos jornalistas, a voz repleta de prazer.

— Algo simpático, presumo.

— Ele disse que gostava que tivesse jogado esta noite.

O grupo de jornalistas ficou em silêncio. À espera.

Shane bufou e abanou a cabeça.

— Bem, jogamos em Boston daqui a três semanas. Podem dizer-lhe que eu estarei *definitivamente* nesse jogo.

Os jornalistas riram-se, encantados por terem conseguido a sua citação «Hollander vs. Rozanov» da noite.

Uma hora depois — de duche tomado, vestido e finalmente sozinho —, Shane conduziu até casa. Não para o seu apartamento de luxo em Westmount, mas para aquele que ninguém conhecia.

Shane passava algumas noites por ano naquele pequeno condomínio no Plateau. Era para lá que ia quando queria ter a certeza de que usufruiria de total privacidade.

Estacionou no pequeno parque atrás do prédio de três andares, entrou pela porta de trás e subiu rapidamente as escadas até ao último piso. Sabia



que os outros dois andares estavam desocupados porque também os comprara. O rés do chão estava alugado a uma loja de artigos de cozinha de luxo, que já tinha fechado há horas.

O apartamento no terceiro andar parecia o que era: um apartamento de demonstração, decorado por um profissional de home staging. Tecnicamente, este era o apartamento que seria usado para vender este e o de baixo. Caso Shane alguma vez tivesse interesse em vender. O que, dizia a si próprio, definitivamente faria. Em breve.

Andava a dizer isso a si mesmo há mais de três anos.

Dirigiu-se ao frigorífico de aço inoxidável e tirou uma das cinco garrafas de cerveja — eram as únicas coisas no frigorífico imaculado. Abriu a tampa e sentou-se no sofá de couro preto da sala de estar.

Ficou em silêncio, tentando ignorar a forma como o seu estômago se revirava em noites como aquela. Bebeu a cerveja rapidamente, na esperança de que o álcool ajudasse pelo menos a anestesiar a desilusão que sentia consigo mesmo. A repulsa pela sua própria fraqueza. Precisava de a amortecer, porque sabia que não faria nada para resolver aquela confusão. Tentava há mais de seis anos.

A batida na porta chegou quase 40 minutos depois.

Fora tempo suficiente para que Shane quase se convencesse a ir-se embora. Para acabar com aquela estupidez. Mas, claro, não o fizera. E se a batida tivesse chegado horas mais tarde, Shane ainda teria estado naquele sofá, à espera.

Abriu a porta.

— Por que raio demoraste tanto? — perguntou, irritado.

— Estávamos a celebrar. Grande vitória esta noite, sabes?

Shane recuou para deixar o alto e sorridente homem russo entrar no apartamento.

— Vim embora assim que pude — disse Rozanov, num tom menos provocador. — Não queria chamar a atenção, certo?

— Claro.

E aquela foi a única palavra que Shane conseguiu dizer antes de a boca de Rozanov colidir com a sua.

Shane agarrou no casaco de couro dele com as duas mãos e puxou-o para mais perto enquanto o beijava, sem fôlego.

— Quanto tempo tens? — perguntou Shane depressa, quando se separaram para respirar.

— Duas horas, talvez?

— Foda-se. — Beijou Rozanov de novo, de forma rude e desesperada. Deus, precisava daquilo. Daquela coisa horrível e completamente fodida.

— Sabes a cerveja — disse Rozanov.

— Sabes àquela pastilha horrível que mastigas.

— É para não fumar!

— Cala-te.

Lutaram e manobraram-se um ao outro até chegarem ao quarto, onde Shane empurrou Rozanov bruscamente contra a parede e continuou a beijá-lo. Sentiu o deslizar familiar da língua do seu rival na boca e deslizou a sua própria língua sobre dentes que tinham sido tratados e substituídos sabe Deus quantas vezes.

Queria muito naquela noite, mas eles não tinham tempo para muito. Rozanov agarrou-o e empurrou-o para a cama; Shane viu o outro homem largar o casaco no chão e tirar a t-shirt por cima da cabeça. Uma corrente dourada pendia, desajeitada, no pescoço de Rozanov, o crucifixo brilhante repousando na clavícula esquerda, mesmo acima da famosa (ridícula) tatuagem de um urso-pardo a rosnar («Pela Rússia! Fiz antes de jogar nos Bears!») no peito. Shane gozaria com a tatuagem mais tarde. Agora, tudo o que podia fazer era ver Rozanov despir-se e perceber, já tarde, que também devia estar a fazer o mesmo.

Despiram-se completamente, e Rozanov deixou-se cair por cima de Shane, beijando-o e movendo uma mão para agarrar na sua ereção já embaraçosamente rígida. Shane arqueou-se com o toque, emitindo sons estúpidos e desesperados.

— Não te preocupes, Hollander — disse Rozanov, com os lábios a roçar a orelha de Shane —, vou foder-te como queres, sim?

— Sim — exalou Shane, um misto de alívio e humilhação a percorrer-lhe o corpo.

Rozanov deslizou pelo seu corpo, beijando, chupando, lambendo, até chegar à pila de Shane. Não o provocou muito mais. Levou-o à boca, e Shane ficou grato por estarem sozinhos no prédio, porque o seu gemido ecoou por todo o quarto escassamente decorado.

Apoiou-se nos cotovelos para poder observar. Parte dele queria deitar-se, fechar os olhos e acreditar que era *outra pessoa* que não Ilya Rozanov a fazê-lo sentir-se tão bem. Mas a maior parte dele queria ver *exatamente* quem era.



Rozanov era um homem deslumbrante. Caracóis castanhos-claros, sempre despenteados, caíam sobre os seus olhos castanhos brincalhões e as suas sobrancelhas escuras e grossas. O maxilar forte e o queixo com uma covinha estavam cobertos de barba por fazer. O seu sorriso era enviesado e preguiçoso, e os seus dentes eram anormalmente brancos, pois a maioria deles não era real.

O seu nariz era torto, tendo sido partido mais do que uma vez, mas esse maldito detalhe só o fazia parecer mais rude. E para um russo a viver em Boston, a sua pele era muito mais dourada do que deveria ser.

Shane odiava-o profundamente. Mas Rozanov era muito bom a fazer broches e, por alguma razão, estava disposto a fazê-lo.

Shane odiava *aquilo*, mas tinha-se esforçado muito para protegê-lo e continuaria a fazê-lo enquanto Rozanov estivesse disponível. Com as suas vidas sendo o que eram, aquilo não era algo fácil de conseguir. Talvez, quando começaram, há sete anos, não esperassem que as suas vidas, a sua famosa rivalidade, chegasse ao ponto em que estavam agora. Talvez devessem ter parado por aí. Mas, apesar de ser errado, era confortável. Era familiar. E era o mais próximo da segurança que ambos poderiam ter.

Era apenas isso.

Rozanov moveu a sua boca talentosa sobre Shane, que alcançou o lubrificante da mesinha de cabeceira bem abastecida, atirando-o para a cama. Rozanov pegou nele, sem interromper o que estava a fazer, e verteu um pouco nos dedos para poder começar a abrir Shane.

Aquela nunca fora a parte favorita para Shane, porque se sentia extremamente vulnerável. Sentia-se fraco e ridículo de cada vez que estavam juntos desta forma, mas o sentimento era mais intenso quando Rozanov punha os dedos dentro dele. Como resultado, a preparação geralmente demorava um pouco.

Por outro lado, Rozanov parecia sempre completamente à vontade. Ele era bom naquilo e sabia-o. Deslizou a boca ao longo do comprimento de Shane, dando uma lambidela de despedida na ponta, que enviou um choque diretamente pelo corpo de Shane e disse:

— Relaxa, sim? Não é muito tempo, mas é suficiente.

Shane respirou fundo e soltou o ar lentamente. Ele detestava aquela voz no gelo e nas entrevistas que via na televisão, em que Rozanov troçava dele num tom irritante e provocador. Mas ali, naquela cama, o tom de Rozanov era paciente e gentil, a voz suave e o sotaque a envolver elegantemente as palavras.

Shane relaxou enquanto Rozanov o abria com dedos fortes, beijando-o no interior das coxas. Quando estava pronto, Shane entregou em silêncio um preservativo a Rozanov antes de se virar e ficar de quatro. Não conseguia olhar para Rozanov. Não esta noite. Não depois daquela derrota humilhante.

Rozanov pareceu compreender. Entrou nele com cuidado, sem ser bruto como tinha feito muitas vezes no passado. Foi lento e atencioso. Shane sentiu mãos grandes nos seus quadris e na cintura, segurando-o com firmeza enquanto Rozanov o penetrava. Shane até sentiu os polegares dele a acariciar-lhe suavemente a parte inferior das costas.

— Pronto. Era isto que querias, sim?

— Sim. — Porque era. Era o que ele sempre quisera.

Rozanov começou a mover-se e Shane gritou. Não demorou muito para simplesmente ceder e começar a gemer, ofegar e implorar por mais.

— Foda-se, Hollander. Tu adoras isto.

Shane respondeu ao voltar-se, vermelho como um tomate, tinha a certeza. Mas não podia negar.

Se Shane não soubesse que o prédio estava vazio, além deles dois, teria ficado preocupado com o barulho que estava a fazer enquanto Rozanov o fodia. Mas sentia-se seguro ali, por isso deixou-se levar. Gritou a cada investida e talvez tenha dito o nome de Rozanov várias vezes.

Shane esperava *mesmo* que ninguém conseguisse ouvi-los.

Quando Rozanov o envolveu com uma mão escorregadia, Shane ficou desesperado para se libertar e começou a empurrar o corpo contra ele. Aquele era o momento em que ele se lembrava sempre porque não podia desistir daquilo. Era demasiado bom.

— Vais-te vir para mim, Hollander?

Hollander *ia* vir-se. E fê-lo. Deu um murro no colchão, praguejou alto e cobriu o punho de Rozanov com o seu orgasmo.

Rozanov moveu-se mais rapidamente atrás dele, enviando ondas de prazer pelo corpo de Shane a cada impulso. Quando estava a tornar-se demasiado para Shane, Rozanov parou, gritou e pulsou dentro dele.

Depois, deitaram-se de costas, lado a lado, e Shane sentiu a familiar sensação de culpa e vergonha a surgir.

— Bem, ganhaste *alguma coisa* esta noite — comentou Rozanov.

— Meu Deus. Vai-te lixar. — Shane levantou o braço para lhe mostrar o dedo do meio, mas Rozanov agarrou-lhe o pulso e puxou-o, fazendo com

que Shane ficasse por cima do seu peito, olhando para ele. O sorriso brincalhão de Rozanov desapareceu quando fixou o olhar em Shane, e este sentiu-se subitamente sem fôlego.

— Ainda tens essa tatuagem idiota, pelo que vejo — disse Shane rapidamente, para se distrair do que raio estava a acontecer ali.

— Ah — disse Rozanov, o sorriso irritante a regressar ao seu rosto. — Ele sentiu a tua falta.

Shane soltou um riso irónico.

— Ele *sentiu* mesmo — insistiu Rozanov. — Dá-lhe um beijo.

Shane revirou os olhos, mas inclinou a cabeça para o peito de Rozanov. Em vez de pressionar os lábios contra a tatuagem, porém, prendeu levemente o mamilo de Rozanov entre os dentes e puxou.

— Foda-se — disse Rozanov, expirando entre dentes.

Como forma de pedir desculpa, e também porque Shane sabia que isso o deixaria ainda mais excitado, passou a língua pelo mamilo sensível. Rozanov pousou a mão no cabelo de Shane e guiou as suas bocas de volta uma à outra. Após um beijo longo e estranhamente terno, Shane levantou a cabeça e viu que Rozanov estava, mais uma vez, a olhar para ele muito sério. Engoliu em seco, mas não disse nada enquanto Rozanov lhe passava os dedos pelo cabelo. Shane esperava que o medo que sentia não lhe estivesse estampado no rosto.

— És muito bonito — disse Rozanov de repente. As palavras foram ditas de forma natural, como um facto.

Shane não sabia como reagir. Eles não costumavam *dizer coisas* um ao outro. Não daquela maneira.

— O homem mais sexy da NHL, segundo a *Cosmopolitan* — brincou Shane. Só sabia falar com Rozanov assim, além de lhe gritar obscenidades.

— Eles são idiotas — respondeu Rozanov, quebrando o feitiço. — Eles puseram-me em quinto lugar. Quinto!

— Realmente parece generoso.

Rozanov virou-se, prendendo Shane ao colchão. Shane olhou para ele, rindo-se.

— Tenho de ir — disse Rozanov, e parecia realmente arrependido. — Primeiro vou tomar banho, mas depois tenho de voltar para o hotel.

— Eu sei.

Tomaram banho juntos, e Shane caiu de joelhos porque não podia deixar Rozanov ir sem o provar. Rozanov murmurou em aprovação enquanto se

inclinava sobre Shane no espaçoso chuveiro. As suas mãos fortes seguraram a cabeça de Shane e os seus dedos longos enrolaram-se no cabelo molhado. Shane ergueu os olhos e encontrou Rozanov a olhar para ele com aquele maldito sorriso torto. Fechou os olhos de imediato e sentiu as bochechas corar e, para seu constrangimento, começou a ficar duro.

Já era mau o suficiente que ele adorasse tanto ser fodido, que adorasse ter uma pila na boca. Mas ter de ser *aquele* cabrão, a ponto de, nas raras ocasiões em que não era ele, Shane ficar a sentir-se insatisfeito...

Então, talvez isto tudo não fosse *apenas* uma questão de conveniência. Mas isso era algo em que Shane não queria pensar.

Levou Rozanov ao limite e depois afastou-se, recebendo o seu orgasmo no queixo e nos lábios, provavelmente no pescoço. As provas foram rapidamente lavadas, indo pelo ralo, e Shane recostou-se contra a parede do chuveiro. Esfregou as mãos no rosto e puxou os joelhos para si. Ouviu Rozanov ofegar em russo.

— Merda — disse Rozanov, ainda de pé e com a cabeça encostada ao azulejo em frente ao local onde Shane estava sentado. — Tens praticado isto, Hollander?

— Não — resmungou Shane.

— Não? Estavas a guardá-lo para mim?

Shane não respondeu, o que era o mesmo que confirmar.

Rozanov riu-se.

— Precisas de fazer sexo, Hollander. Esperar por uma foda rápida a cada dois meses não é saudável.

— *Não* estou à espera — disse Shane. Não era bem uma mentira. Ele obviamente não era cem por cento hetero, mas fazer sexo com mulheres não lhe causava *repulsa*. Só não lhe dava o mesmo prazer do que com homens.

Um homem em particular.

Mas as mulheres eram seguras, fáceis e estavam *em todo o lado*. E, talvez, se continuasse a tentar, ele pudesse encontrar alguém com quem gostaria de passar mais do que uma única noite. Alguém que pudesse finalmente pôr um fim a... seja lá o que *isto* fosse.

Rozanov fechou a torneira e estendeu a mão.

Shane bufou, depois aceitou a mão, deixando Rozanov puxá-lo para se levantar. Ficaram frente a frente, peito com peito, e Shane observou a água que pingava do cabelo de Rozanov para o seu ombro e descia em direção ao umbigo.

Rozanov pousou uma mão no rosto de Shane e inclinou-lhe a cabeça para cima. Olhou para ele com carinho, um pequeno sorriso nos lábios, e depois beijou-o.

— Arruinei-te — disse Rozanov quando se separaram. — Ninguém mais te vai servir.

— Vai-te foder.

— Que boca a tua...

— Não o digas.

— Eu preferia quando estava em mim.

— Porra, Rozanov. — Shane empurrou-o contra a parede do chuveiro e beijou-o agressivamente. Era sempre assim. Empurrando-se e insultando-se mutuamente, lutando pelo controlo até que um, ou ambos, cedesse e se permitisse a libertação que desejavam.

— Eu tenho mesmo de ir — declarou Rozanov, mas enquanto proferia as palavras, estava a roçar os dentes ao longo do maxilar de Shane.

— Eu sei.

— Desculpa.

— Porquê? Não me importo. Acho que, de qualquer forma, já terminámos aqui, não?

Rozanov parou de o beijar e encarou-o, pensativo.

— Suponho que sim.

Saíram do chuveiro e vestiram-se rapidamente. Shane tirou o edredão da cama e colocou-o na máquina de lavar. Iria garantir que aquele sítio ficava tão impecável quanto o encontrou.

— Três semanas, então — disse Rozanov, parado na porta, pronto para sair.

— Sim.

Rozanov acenou com a cabeça, e Shane pensou que isso seria tudo, mas então o outro homem sorriu e disse:

— Fui eu esta noite?

— Foste o quê?

— A distrair-te. Esta noite, no gelo.

Shane demorou um momento a perceber o que ele estava a sugerir.

— Vai-te. Foder.

O sorriso de Rozanov apenas se ampliou.

— Não conseguiste jogar de todo, a pensar na minha pila, certo?

— Boa noite, Rozanov.

Rozanov mandou-lhe um beijo ao sair, deixando Shane furioso e estranhamente aliviado. Era bom lembrar-se do facto de que eles não gostavam um do outro.

Shane tirou outra cerveja do frigorífico e sentou-se no sofá, enquanto esperava que o edredão ficasse lavado. Era tarde e estava exausto, mas não ia dormir ali. Ele devia mesmo falar com um agente imobiliário sobre a venda daquele prédio.

Ir vender o prédio e passar a ficar no seu maldito quarto de hotel quando jogassem em Boston, sem sair à noite para ir ao apartamento de luxo de Rozanov. Ia acabar com aquilo e seguir em frente.

Enquanto fazia aquele plano, percebeu que estava a passar os dedos pelos lábios. Ainda formigavam com a lembrança da boca do outro homem pressionada contra eles.

Shane sabia que fazer planos para acabar com aquilo era inútil. Enquanto fosse oferecido, Shane nunca seria capaz de dizer não.





# Primeira Parte

# Capítulo Um



*Dezembro de 2008, Regina*

Ilya Rozanov arrastava-se pelo frio intenso do parque de estacionamento do hotel até ao autocarro da equipa. Como a maioria dos seus colegas, era a sua primeira vez na América do Norte. Esperava sentir-se mais impressionado com isso, mas Saskatchewan não era propriamente Nova Iorque. Ali não havia nada em que se pudesse concentrar para além do frio e do hóquei, duas coisas com as quais os russos estavam muito familiarizados.

Faltavam dois dias para o Natal, mas para os melhores jogadores de hóquei júnior do mundo, o Natal significava o Campeonato Mundial de Hóquei Júnior. Para Ilya, significava a oportunidade de finalmente ver Shane Hollander de perto.

Muito se tinha falado do fenómeno canadiano de 17 anos. Ilya estava farto de ouvir o nome dele, que tinha causado tanto alvoroço no mundo do hóquei que nem Moscovo era longe o suficiente para escapar ao hype. Tanto Ilya como Hollander eram elegíveis para o draft da NHL no próximo mês de junho, e já se esperava que fossem escolhidos como primeiro e segundo overall. A ordem prevista dessas duas escolhas dependeria de a quem se perguntasse.

Ilya sabia a *sua* resposta.

Nunca tinha conhecido Shane Hollander. Nunca tinha jogado contra ele. Mas já estava determinado a destruí-lo.

Começaria por levar a Rússia à vitória com a medalha de ouro, ali, no próprio país de Hollander. Depois conduziria a sua equipa de volta a Moscovo até ao campeonato. E então, certamente, seria escolhido em primeiro no draft. Aquele era o ano de Ilya Rozanov. Desde que ele tinha 12

anos, 2009 tinha sido sempre o ano em que se esperava que ele explodisse no palco mundial. Nenhum canadiano iria mudar isso.

A equipa russa chegou ao rinkue para o treino agendado, no final do treino da equipa canadiana. Ilya parou com alguns colegas para observar os canadianos nos exercícios. As camisolas de treino não tinham nomes, por isso não conseguia identificar Hollander até que o seu treinador-adjunto lhe disse para ir para o balneário. O horário no rinkue era apertado.

Entraram no gelo assim que este foi limpo pela Zamboni. O rinkue era pequeno e meio descuidado. Os jogos propriamente ditos seriam na grande arena do centro da cidade. Havia algumas pessoas sentadas nas bancadas, a observar a equipa russa a treinar. Alguns olheiros, sem dúvida, e os poucos familiares que realmente tinham feito a viagem da Rússia, bem como alguns fãs locais hardcore de hóquei.

A meio do treino, Ilya reparou num jovem sentado algumas filas acima do banco de penalidades, a usar um boné e um casaco da equipa do Canadá. Estava ladeado por um homem e uma mulher, que provavelmente seriam os seus pais. Era difícil perceber do gelo, mas Ilya pensou que poderia ser Hollander. A mãe dele era japonesa ou algo assim, certo? Tinha a certeza de que lera isso nalgum lado...

— Importas-te de te juntar a nós, Rozanov? — gritou o treinador em russo através do gelo. Ilya voltou-se, envergonhado ao ver o resto da equipa reunido à volta do treinador.

Não lhe agradava que Hollander, se é que *era* Hollander, estivesse ali a observá-los. Ou talvez lhe agradasse. Talvez Hollander estivesse nervoso por ter de o enfrentar mais tarde no torneio. Talvez se sentisse ameaçado.

*Devia sentir-se.*

Depois do treino, Ilya tomou banho e vestiu-se rapidamente. Voltou a sair para o rinkue, para ficar atrás do vidro e olhar para as bancadas. Hollander e os seus pais já se tinham ido embora. Era a vez de a equipa da Eslováquia entrar no gelo para o seu treino.

Ilya encolheu os ombros e dirigiu-se a uma máquina de bebidas. Comprou uma garrafa de Coca-Cola e perguntou-se se conseguiria sair rapidamente para fumar antes de voltar para o autocarro.

Fechou o seu casaco da equipa da Rússia até ao queixo e saiu por uma porta lateral. Estava um frio do carças lá fora. Encostou-se à parede do edifício de tijolos, enfiou a Coca-Cola no bolso do casaco e tirou um cigarro e um isqueiro.

— Devias fumar ali — disse alguém. Ilya demorou um momento a traduzir todas as palavras.

Voltou-se e viu a pessoa que agora definitivamente reconhecera como Shane Hollander. Tinha uma aparência muito distinta. Algumas das suas feições vinham claramente da mãe — cabelo preto como azeviche e olhos muito escuros —, mas o pai era de uma qualquer ascendência anglo-europeia mais banal. A pele, no entanto, era impecável. Impecável de uma forma que o distraía. Lisa e bronzeada com, e esta era a sua característica mais marcante, uma leve mancha de sardas escuras no nariz e nas maçãs do rosto.

— Quê? — disse Ilya. Até aquela única palavra soava estúpida com o seu sotaque.

— A zona para fumar é ali. — Hollander apontou para um canto distante do parque de estacionamento, junto a um grande banco de neve. Parecia muito ventoso ali.

Ilya encostou-se novamente à parede e acendeu o cigarro.

*Este país de merda.* Já era mau o suficiente não poder fumar dentro dos edifícios, agora tinha de se sentar na neve para o fazer?

— Surpreende-me que fumes — comentou Hollander.

— Okay — respondeu Ilya, expirando uma longa nuvem de fumo pelos lábios. Seguiu-se um silêncio desconfortável, e então Hollander tentou puxar conversa outra vez.

— Queria conhecer-te — disse, estendendo a mão. — Shane Hollander. Ilya olhou para ele e sentiu os lábios a tremer ligeiramente.

— Sim — disse. Segurou o cigarro entre os lábios e apertou a mão de Hollander.

— És um jogador incrível de se ver — disse Hollander.

— Eu sei. — Se Hollander esperava que Ilya retribuísse o elogio, ia ter de esperar muito.

Quando Ilya não disse mais nada, Hollander mudou de assunto.

— Os teus pais estão aqui contigo?

— Não.

— Oh. Deve ser difícil. Com o Natal e tudo.

Ilya esforçou-se um pouco para traduzir tantas palavras, depois disse:

— Não tem mal.

Hollander enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

— Está frio, não está?

— Sim.

Deixaram-se ficar encostados à parede, lado a lado. Ilya inclinou a cabeça contra os tijolos para olhar para baixo, para Hollander, que tinha uns bons dez centímetros a menos do que ele. Era muito interessante de observar. As bochechas estavam rosadas do frio e a respiração saía em nuvens brancas entre os lábios rosados.

— No ano que vem isto vai ser em Ottawa. A minha cidade natal — disse Hollander.

Ilya acabou o cigarro e deixou cair a beata no chão. Decidiu fazer um esforço, já que aquele tipo parecia tão decidido a conversar com ele.

— Ottawa é mais fixe? — perguntou.

Hollander riu-se.

— Do que aqui? Não sei. Um pouco. Faz tanto frio como aqui.

— Os teus pais estão aqui.

— Para isto? Sim. Estão. Eles tentam sempre vir ver-me jogar onde quer que eu vá.

— Bom para ti.

— Sim. Eu sei. Eles são ótimos.

Ilya não tinha mais nada a acrescentar, por isso ficou em silêncio.

— Devia ir-me embora. Estão à minha espera — disse Hollander. Afastou-se da parede e virou-se para Ilya. Os olhos de Ilya fixaram-se logo naquelas malditas sardas. Hollander estendeu a mão outra vez.

— Boa sorte no torneio — disse.

Ilya aceitou o aperto de mão e sorriu.

— Não vais ser tão simpático quando nós vencermos.

— Isso não vai acontecer.

Ilya sabia que Hollander realmente acreditava naquilo. Que ganharia a medalha de ouro e seria a escolha número um do draft da NHL porque era o maldito príncipe do hóquei.

Talvez Hollander esperasse que Ilya lhe desejasse sorte também, mas Ilya simplesmente deixou a mão cair e virou-se para voltar para o rinque.



No carro, Shane disse aos pais que tinha falado com Ilya Rozanov.

— Como é que ele é? — perguntou a mãe.

— Meio idiota — respondeu Shane.



Quando o último jogo do torneio terminou, a equipa canadiana ainda teve de sofrer mais uma humilhação. Os russos pararam de celebrar tempo suficiente para se alinharem e apertarem as mãos dos adversários — um gesto de desportivismo que, naquele momento, Shane não conseguia suportar.

Por um lado, a equipa russa tinha jogado *sujo*. Ele odiara jogar contra eles.

Por outro, Ilya Rozanov era realmente muito bom. Irritantemente bom. E, ao longo do torneio, a imprensa tinha-se esforçado muito por reforçar a rivalidade entre eles. Shane tentou ignorar os jornalistas, mas era possível que estivessem a alimentar a chama do seu ódio.

Quando chegou a Rozanov na fila de apertos de mão, viu flashes de câmaras por todo o lado. Certificou-se de que olhava Rozanov diretamente nos olhos quando disse secamente:

— Parabéns.

— Vejo-te no draft — disse Rozanov ao oferecer-lhe um sorriso enviesado.

Penduraram uma medalha de prata ao pescoço de Shane, o que podia muito bem ter sido um rato morto, tanto lhe fazia. Suportou respeitosa-mente a execução do hino nacional russo, pestanejando para conter as lágrimas de frustração que se recusava a deixar cair, e só então lhe foi finalmente permitido sair do gelo.

Não devia ter corrido assim. Ele devia ter levado o seu país ao ouro, *na* sua própria terra. Era aquilo que a nação esperava. As esperanças do Canadá tinham sido depositadas nos ombros do seu jovem de 17 anos, e ele tinha-os desapontado a todos.

A cada face-off que fizera contra Rozanov, o russo olhava-o diretamente nos olhos e os seus lábios esboçavam um sorriso enviesado. Shane não se deixava abalar facilmente por ninguém, mas aquele maldito sorriso deixava-o desequilibrado de todas as vezes.

Talvez fosse apenas isto: depois de uma vida a jogar a um nível acima de todos os outros, Shane tinha finalmente encontrado alguém à sua altura.

Tinha a certeza de que era apenas isso.



# Capítulo Dois



*Junho de 2009, Los Angeles*

— **S**hane, podes aproximar-te um pouco mais do Ilya, por favor? Shane sentiu o braço de Ilya Rozanov roçar no seu enquanto se aproximava dele a pedido do fotógrafo.

— Perfeito. Muito bem, sorriam, rapazes.

Os olhos de Shane foram bombardeados por flashes de câmaras. Ele ficou encostado a Rozanov, que parecia ter crescido mais uns centímetros desde janeiro. À direita de Rozanov estava um gigante defesa americano chamado Sullivan, que tinha sido escolhido em terceiro lugar no overall por Phoenix.

Rozanov tinha sido escolhido em primeiro.

Shane tinha passado os últimos seis meses, desde o Mundial Júnior, um pouco... obcecado... com Ilya Rozanov.

Tinham bastante em comum, a nível de carreira. Ambos eram capitães das respetivas equipas e tinham-nas levado ao campeonato nesta época. Ambos tinham sido nomeados MVP da liga e dos playoffs, e ambos tinham sido os melhores marcadores das suas ligas. A única diferença entre eles era que Shane tinha uma medalha de prata em casa, e Rozanov, uma de ouro.

E agora Shane tinha ficado em segundo lugar de novo. Depois de uma vida a alcançar sempre o primeiro lugar no hóquei.

Este maldito tipo.

Nem tudo era mau. Shane tinha sido escolhido pelos Montreal Voyageurs, que, além de serem a franquia mais lendária da liga, ficavam

a apenas duas horas de carro da sua cidade natal, Ottawa. Era uma boa escolha para Shane, que era fluente em francês e inglês, e que sempre tivera muito respeito pelos Voyageurs, apesar de ter crescido como fã de Ottawa. Mas, ainda assim, ser escolhido em segundo doía.

Para aumentar ainda mais o drama, Rozanov tinha sido escolhido pelos arquirrivais de Montreal, os Boston Bears. Shane sabia que a sua carreira ficaria agora inevitavelmente ligada à de Rozanov. Se um deles tivesse sido escolhido por uma equipa da Conferência Oeste, talvez a rivalidade nunca tivesse começado. Mas isto ia ser intenso.

O que não significava que Shane não pudesse ser educado com Rozanov agora.

— Parabéns — disse, voltando-se para apertar a mão de Rozanov quando os fotógrafos terminaram.

Havia um certo ar de presunção no sorriso de Rozanov quando ele disse:

— Obrigado.

Rozanov não congratulou Shane. Em vez disso, deu-lhe uma palmadinha no ombro, como se estivesse a consolar uma criança que falhara na Liga Juvenil. Shane afastou-se do toque e estava prestes a dizer algo decididamente menos educado do que «parabéns», quando foram imediatamente afastados em direções opostas para as entrevistas.

Shane não voltou a ver Rozanov até estar de volta ao hotel. O átrio estava cheio de jovens atletas, mas, mesmo no meio daquela multidão, Rozanov destacava-se. Ele era um dos mais altos e mais bem vestidos ali, com o seu fato azul-escuro a realçar-lhe o corpo, o que o fazia parecer um modelo da revista *GQ*.

Shane sentiu-se baixo. Tinha feito 18 anos no mês passado, mas sentia-se como um miúdo.

Rozanov também tinha feito 18 anos. Na semana passada, aliás. O que Shane sabia porque era obcecado por ele.

Naquela noite, no seu quarto privado do hotel (os orgulhosos pais estavam do outro lado do corredor), Shane não conseguia dormir.

Tinha sido um dia exaustivo e, sim, tinha sido escolhido no draft da NHL. Tinha alcançado aquilo por que tinha trabalhado a vida toda. E ser escolhido em segundo lugar no overall não era motivo para amuar.

Ele não estava amuado. Pelo menos, não verdadeiramente. Estava apenas... incomodado. Com alguma coisa.

Suspirou e levantou-se da cama.

Vestiu umas calças de fato de treino e calçou os tênis, e dirigiu-se ao ginásio do hotel. Talvez conseguisse desligar a mente com algum exercício.

O ginásio estava misericordiosamente vazio. Shane subiu a uma das duas passadeiras e começou a correr a um ritmo lento. Não usava auscultadores; simplesmente perdeu-se no ruído da máquina.

Não reparou quando alguém entrou no ginásio. Só se apercebeu de que não estava sozinho quando o outro homem subiu para a passadeira ao lado dele.

Ilya Rozanov dirigiu-lhe um breve aceno de cabeça e voltou-se para a parede branca à frente deles enquanto começava a correr ao lado de Shane.

Shane tentou ignorar a presença de Rozanov. Não havia nada de estranho nisso; ele também devia estar a ter dificuldades em dormir. Ou talvez fosse sempre ao ginásio depois da meia-noite. Ou talvez o fuso horário o estivesse a afetar. Ou talvez...

Rozanov aumentou a velocidade da sua passadeira. Nem sequer olhou para Shane.

E porque Shane era mesquinho e competitivo, aumentou também a velocidade da sua própria passadeira... apenas um pouco mais rápido do que a de Rozanov.

Em menos de um minuto, Rozanov fez o mesmo, elevando a fasquia e esperando silenciosamente que Shane o acompanhasse. Este último olhou de soslaio e viu um leve sorriso nos lábios de Rozanov. Shane sacudiu a cabeça e lutou contra o seu próprio sorriso. Acelerou a passadeira.

Continuaram assim, presos numa batalha silenciosa, até que ambos estavam a testar os limites das suas máquinas. Corriam a um ritmo de sprint durante muito mais tempo do que seria confortável, e todo o corpo de Shane ardia em protesto. Mas ele não queria parar, nem mesmo abrandar, até Rozanov o fazer. Rozanov *fumava*, pelo amor de Deus. Shane conseguia vencê-lo.

Mas Rozanov não mostrava qualquer sinal de desistência.

Mantiveram aquele ritmo mais um minuto ou dois, e Shane finalmente bateu com a mão no botão de paragem de emergência e tropeçou para fora da passadeira. Encostou-se à parede de trás, arfando, antes de se sentar no chão. Rozanov parou a sua própria máquina e segurou-se ao painel.

— Foda-se — ofegou Shane. Rozanov riu-se e juntou-se a ele no chão, encostando-se ao canto de forma a ficar perpendicular a Shane. A camisa cinzenta e sem mangas de Rozanov estava encharcada de suor. Ambos



estavam sentados com as pernas esticadas para a frente; os ténis de Rozanov quase tocavam no tornozelo de Shane.

Rozanov passou uma mão pelo cabelo húmido num movimento que era mais interessante para Shane do que devia ser. Rozanov era tão... *masculino*. Shane tinha cara de criança e era baixo, ainda não lhe crescia barba como deve ser e quase não tinha pelos no peito. Rozanov tinha quase a mesma idade que ele, mas parecia ter atravessado uma linha mágica para a idade adulta.

Shane desviou rapidamente o olhar para o chão e esperou que o rubor do exercício escondesse o facto de estar a corar.

— Que dia do caraças, hein? — disse Rozanov.

— Sim. Totalmente.

— Tudo o que sonhavas?

Shane olhou-o diretamente nos olhos.

— Quase — disse.

Rozanov sorriu-lhe de volta.

— Desculpa ter arruinado o teu grande dia.

— Vai-te foder.

— Montreal é fixe, sim? — perguntou Rozanov.

— Sim.

— Boston é fixe?

— Claro. Sim. Só lá estive umas quantas vezes, mas é uma boa cidade.

Rozanov acenou com a cabeça.

Ficaram em silêncio por um momento, e então Rozanov tocou no tornozelo de Shane com a sola de um dos seus ténis.

— Ei. Vamos ver muito um do outro.

Shane demorou um minuto a perceber.

— Ah. Sim. Montreal e Boston jogam muito um contra o outro.

— Deve ser interessante.

Rozanov deu um longo gole da sua garrafa de água. Shane fingiu que só estava a olhar com desejo para o movimento da garganta dele porque se tinha esquecido de trazer uma garrafa para si. Foi só quando a maçã de Adão parou de se mover e os seus lábios ficaram escuros e húmidos que Shane se apercebeu de que estava a observar Rozanov. Os lábios dele curvaram-se ligeiramente, e Rozanov estendeu o braço, oferecendo a Shane a sua garrafa.

— Oh. Estou bem. Obrigado.

Rozanov abanou a garrafa para ele, e Shane pegou nela. Precisava de água. Seria parvo recusar.

As pontas dos dedos de ambos tocaram-se brevemente. Shane segurou a garrafa afastada dos lábios e bebeu água rapidamente. Rozanov observava-o.

Foi a primeira vez que Shane o sentiu. Era como se o ar na sala tivesse ficado mais espesso. Tudo dentro dele zumbia e estava em alerta, como se estivesse prestes a saltar de um avião.

Não sabia se Rozanov sentia alguma coisa.

Mas naquele momento, Shane queria... *algo*. Nem sequer conseguia nomear o que queria.

Deveveu a garrafa, e desta vez podia jurar que Rozanov deixou os dedos roçarem o pulso de Shane de propósito. Foi um momento que pareceu durar para sempre, mas provavelmente durou menos de um segundo.

Shane queria que Rozanov lhe tocasse outra vez.

Shane queria tocar nele de volta.

Talvez Shane quisesse *beijá-lo*.

Levantou-se apressadamente, atrapalhado.

— Vou para a cama. Acho que... vemo-nos por aí, certo?

Rozanov olhou para ele a partir do chão.

— Vais ver muito de mim.

Shane acenou com a cabeça e saiu do ginásio o mais rápido que pôde. Esperou até estar de volta ao seu quarto para se permitir entrar em pânico.

*Que merda foi aquela?*

Ele nunca tinha... Jesus Cristo, ele tinha uma *namorada*. Ele não estava...

*Uma namorada que esperas que acabe tudo contigo. Ela nem sequer veio nesta viagem para te ver ser escolhido no draft.*

Bem, isso era verdade. Mas ela tinha acabado de começar um novo emprego de verão...

*E tu não tinhas pensado nela o dia todo até agora. Ainda nem lhe ligaste.*

Sim, está bem. Talvez não estivesse a resultar realmente com ela, mas também não era como se fosse a única rapariga com quem ele alguma vez... tinha feito coisas.

*Estás meio excitado agora. Só por teres estado sentado no chão do ginásio com outro homem.*

Okay, essa parte ele não conseguia explicar.

Mas *podia* ir tomar um duche e masturbar-se e tentar com todas as forças pensar na namorada, ou em *qualquer* outra rapariga. Tudo, menos

pensar naqueles lábios vermelhos e húmidos, naquela barba escura por fazer e naqueles olhos cor de avelã...

Para o resto da sua vida, Shane Hollander teria de conviver com o facto de ter terminado o dia do draft da NHL a fazer-se vir enquanto pensava em Ilya Rozanov.



# Capítulo Três



*Dezembro de 2009, Ottawa*

Ilya observava os números vermelhos e luminosos do despertador do seu quarto de hotel a passar das 23:56 para as 23:57.

O espaço estava completamente escuro. O seu colega de quarto estava num outro quarto ao fundo do corredor, juntamente com metade da equipa, a ver as celebrações americanas de Ano Novo na televisão.

Ilya também estivera naquele quarto. Tinha visto os Black Eyed Peas a atuar, comido batatas fritas e feito piadas com os colegas de equipa.

E depois só quis estar sozinho.

23:58.

Não havia dúvidas de que Ottawa era a cidade natal de Shane Hollander. Era uma verdadeira loucura pelo maldito Shane Hollander ali. O seu rosto e as suas sardas estavam por todo o lado: jornais, televisão, autocarros, faixas, laterais dos edifícios.

Claro que Hollander era da capital do Canadá. Claro que a cidade era tão inofensiva e banal quanto ele.

As suas equipas ainda não tinham jogado uma contra a outra, e provavelmente não o fariam antes do jogo da medalha de ouro. Seria uma enorme surpresa se não acabasse por ser Canadá e Rússia na final.

23:59.

Ilya ia mudar-se para Boston naquele verão. Para a América. Nunca tinha saído da Rússia por mais de duas semanas de cada vez. Ia começar a sua carreira na NHL. Ia ser rico e famoso. Ia ser o seu próprio homem, longe da família.

Meia-noite.

— Feliz Ano Novo — murmurou para si mesmo.

Sentou-se na cama e pegou no pacote de pastilhas de nicotina da mesa de cabeceira. Meteu uma na boca e franziu a testa enquanto a mastigava. Podia ouvir os fogos de artifício lá fora e os colegas de equipa a festejar nos quartos à volta.

Ele queria um cigarro a sério.

Ele queria foder alguém.

Ele queria ir ao ginásio do hotel e encontrar Shane Hollander numa passadeira.

Mas Shane Hollander não estava hospedado naquele hotel. Shane Hollander provavelmente estava a celebrar o Ano Novo com amigos e família na sua cidade natal perfeita, que o amava mesmo muito.

Naquela noite no ginásio do hotel em Los Angeles, há seis meses, Ilya quase se tinha envergonhado. Provavelmente poderia ter disfarçado com o seu habitual charme arrogante, mas tinha estado mesmo perto de flirter com Hollander. Ou possivelmente apenas de o pressionar contra uma parede e tomar-lhe a boca.

O problema era que ele não tinha assim tanta certeza de que Hollander teria odiado.

A menos que Ilya fosse muito mau a ler pessoas — e definitivamente não era —, Hollander provavelmente teria retribuído o beijo.

E, Jesus, esse pensamento consumia Ilya desde o dia do draft.

Ilya provavelmente tinha fodido, na sua estimativa aproximada, dezenas de mulheres desde então. Certamente não tinha razão para ficar obcecado com o seu maldito arquirrival. Ou com as sardas do arquirrival. Ou com os seus olhos escuros. Ou com a forma como as bochechas ficavam vermelhas quando ele se esforçava.

Foda-se. *Enfim*. A Rússia estava invencível no torneio até agora. O Canadá também estava invencível. Apenas uma equipa se iria manter assim até ao fim. Ilya tinha coisas mais importantes em que pensar do que sardas e rapazes canadianos educados.



Shane não podia estar mais feliz por o seu segundo, e último, Campeonato Mundial Júnior ser realizado na sua cidade natal. Tinha passado o Natal com a família e a véspera de Ano Novo com os colegas de equipa no hotel.

Os pais dele tinham estado em todos os jogos, como sempre, e ele tinha conseguido visitar muitos amigos.

Estivera de excelente humor durante todo o torneio e tinha jogado hóquei de forma extraordinária.

E agora era a noite antes do jogo da medalha de ouro, e o Canadá iria enfrentar a Rússia pelo segundo ano consecutivo.

E Shane iria enfrentar Ilya Rozanov.

Não tinha visto Rozanov uma única vez durante todo o torneio. As equipas do Canadá e da Rússia tinham treinado em rinques diferentes e ficado em hotéis separados. Este jogo seria o primeiro confronto entre eles.

Mas Shane tinha visto todos os jogos que a Rússia tinha jogado. E tinha estudado filmagens de Rozanov. E, desta vez, ia dar-lhe uma lição.

Tinha praticamente esquecido a sensação que tivera quando Rozanov lhe roçara os dedos ao entregar-lhe a garrafa de água naquele ginásio do hotel, seis meses antes. Mal tinha pensado na pele corada dele, ou na forma como os caracóis húmidos lhe caíam sobre os olhos cor de avelã.

Tinha sido... adrenalina.

O rescaldo da excitação da competição, quando tinham ficado estendidos no chão depois de levar os corpos ao limite nas passadeiras. Tinha sido uma falha no seu cérebro, que estava sobrecarregado com emoções da montanha-russa que tinha sido o dia do draft. Ele estava cansado e confuso, e o seu cérebro tinha transformado tudo aquilo em algo ridículo.

Por isso, depois daquela noite, Shane voltou à vida normal. Bem, tinha acabado com a namorada, mas já estava mais do que na hora.

Havia outra coisa que tinha mudado: Shane tinha começado a *reparar* em homens. Não nos colegas de equipa ou amigos, ou alguém desse género. Só... um tipo no Starbucks do aeroporto. Ou o tipo que estava no corredor dos cereais no supermercado em Kingston há algumas semanas.

Ou o tipo que estava em *Friday Night Lights*.

Mas não era como se não gostasse de raparigas. As raparigas estavam  *muito* interessadas nele e andavam a atirar-se a ele agora que estava prestes a tornar-se uma estrela milionária. Portanto, sim, Shane tinha andado com raparigas. Imensas raparigas.

Tipo, pelo menos duas raparigas. Desde que tinha terminado com a namorada.

Não, tipo, sexo a sério.

Mas coisas sexuais.

Ele tinha, definitivamente, sido chupado por duas raparigas diferentes desde julho. E tinha gostado. Com a cabeça inclinada para trás. E os olhos fechados.

E não tinha pensado nos lábios escuros e húmidos de Ilya Rozanov nem no seu sorriso enviesado. De todo.



— Já estás farto de ficar em segundo lugar? — Rozanov sorriu.

— Eu vou ganhar este jogo — rosnou Shane.

— Não há um «eu» em equipa, sim?

— Vai-te lixar.

Rozanov ergueu uma sobrancelha enquanto se inclinavam para o face-off.

— Vais ter de te contentar com a prata — disse ele.

Shane certificou-se de que ganhava o face-off. E certificou-se de que estava exatamente onde tinha de estar para marcar um golo 40 segundos depois.

E certificou-se de que eles ganhavam aquele jogo.



Apesar de toda a sua arrogância e provocações, Ilya levava o hóquei muito a sério. E odiava perder.

Mas desta vez tinha perdido. E ia regressar à Rússia com uma medalha de prata. Não se sentia orgulhoso disso.

Não queria voltar para a Rússia de todo. Queria ficar na América do Norte e começar a próxima fase da sua vida. Não queria ouvir o pai — que provavelmente nem tinha visto nenhum dos jogos — a envergonhá-lo por não ter trazido uma medalha de ouro. Não queria viver com o pai, nem depender de mais ninguém. Queria ser rico e famoso e amado, e ter uma enorme garagem cheia de carros de luxo. Queria roupas caras, mulheres deslumbrantes e ir a discotecas exclusivas. Queria sentir o peso da família, e do país, fora dos seus ombros. Queria ser ele próprio.

No gelo, na fila para apertar as mãos no fim do jogo, Hollander olhara para os olhos de Ilya. Tinha sido apenas por um segundo, mas parecia que tudo à volta tinha congelado e caído no silêncio. A mão húmida e suada de Hollander envolvera a mão húmida e suada de Ilya e, quando os olhos deles se encontraram, Hollander apertou-lhe os dedos, só um pouco.

Aquele olhar, e aquele aperto, tinham dito tantas coisas a Ilya.

*Eu sei.*

*Era suposto estarmos sozinhos no topo, mas estaremos sempre lá juntos. Continuaremos a subir até que mais ninguém nos consiga alcançar, mas estaremos sempre juntos.*

Não havia nada de apologético no olhar de Hollander, mas também não havia ostentação. E quando Ilya apertou a última mão canadiana da fila, estava a sorrir para si mesmo. Porque, em breve, a verdadeira batalha entre ele e Shane Hollander iria começar.

E ele mal podia esperar, porra.



**NO GELO, ELES SÃO RIVAIIS.  
FORA DO RINQUE,  
ARDEM UM PELO OUTRO...**



**SHANE HOLLANDER**, estrela do hóquei, tem uma reputação impecável. Como capitão dos Montreal Voyageurs, nada nem ninguém se pode meter no seu caminho.

**ILYA ROZANOV**, capitão dos Boston Bears, é tão arrogante quanto talentoso. Ninguém o consegue vencer – exceto Shane.

**Quando o desejo passa a rivalizar com a ambição,  
manter o segredo que carregam há anos  
torna-se impossível...**



**OTHER SIDE**

é uma coleção **SECRET SOCIETY**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)  
[@secretsocietypt](https://www.instagram.com/secretsocietypt)  
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-989-589-796-4



9 789895 897964

